

Cuidar, administrar e louvar – racionalidade e ipseidade em Michel Henry

Ângela Lacerda Nobre*

ESCOLA SUPERIOR DE CIÊNCIAS EMPRESARIAIS DO INSTITUTO POLITÉCNICO DE SETÚBAL

Angela.nobre@esce.ips.pt; Lacerda.nobre@gmail.com

Cuidar, do mundo, de si próprio e do outro. Que outro é este?

O gesto que cuida, a palavra que administra e o hino que louva. Que ação é esta?

A tomada de decisão, política ou de cidadania, ou a opção de compra, de escolha de parceiro ou de vocação, convocam uma orientação prévia e testemunham uma corrente de pensamento. Que racionalidade é esta? Que era e que movimentos são estes?

Para separar o essencial do acessório, Michel Henry desenvolve uma fenomenologia que se centra na realidade como manifestação e que reinventa os elementos fundadores da modernidade. Esta ousadia convida ao questionamento e à intervenção, apela a uma urgência, ultrapassa a necessidade de criação de sentido e oferece um método ágil e eficaz, pois infalível, de interpretar esta mesma realidade em permanente manifestação. Isto é, a postura de base e o ponto de partida de Henry é o de uma total e incondicional abertura ao novo, ao que se apresenta na sua completa autenticidade.

Na era da tecnociência, percorre-se a passagem da posição de comandar e controlar para a de recriar e cooperar, e é a afetividade henriana, material e radical, que permite reconhecer, ler e interpretar esta realidade. Sendo a filosofia, na modernidade, mais do que um epifenómeno da ciência, então a fenomenologia de Henry é o método a aplicar. A filosofia henriana constitui-se como algo que permite integrar e articular a mundividência humana, o fenómeno humano, em toda a sua completude.

Cuidar, administrar e louvar, os dons e os recursos já aplicados na criação de valor por parte de quem já tem décadas de experiência na aplicação da metodologia de Henry, e incentivo e convite à sua aplicação em novos círculos, meios e regiões do globo, é o apelo a que importa dar resposta. O sucesso internacional de Henry não se avalia em número mas em qualidade e em impacto social das edições e dos projetos do tipo investigação-ação. A sua presença nas línguas portuguesa e inglesa, para além da sua língua mãe, a francesa, revela a sua atração, como pensador desafiante, quase de culto. Mas a maior vantagem de Henry é a de inserir-se na esteira dos grandes pensadores da história da humanidade ao permitir, mais ainda, ao exigir, a sua crítica, discussão e questionamento.

Henry ensina a pescar, não dá o peixe; melhor dizendo, aponta para as redes e para as canas de pesca que já temos na mão.

Palavras-chave: racionalidade, tecnociência, ipseidade, manifestação.

To take care of the world, of oneself and of the other: who is this other?

The caring gesture, the administering word and the praising hymn: what action is this?

Political or citizen decision-making, or the buying options, the choice of a partner or of a vocation, summon a previous orientation and witness the presence of a specific

* Investigadora do Centro de Estudos de Filosofia da Universidade Católica Portuguesa

current of thought. What kind of rationality is this? What era and what movements are these?

In order to separate the essential from that which is accessory, Michel Henry develops a phenomenology that is centred in reality understood as manifestation and, consequently, reinvents the founding elements of modernity. This audacity is an invitation to intervene and to question, and it calls for an urgent action, which may go beyond meaning-making. This perspective offers an unfailing method that is both agile and effective of interpreting this reality that is permanently being manifested. That is, the starting point and the initial positioning of Henry is that of a total and unconditional openness to novelty, to that which presents itself in its full authenticity.

In the age of technoscience, there is a transition from a command and control position to one of creation and cooperation. It is Henry's affectivity, radical and material, which enables the recognition, the reading and the interpretation of such transitional reality. If philosophy, in modernity, is more than an epiphenomenon of science itself, then Henry's phenomenology is the method to be applied. Henrian philosophy is constituted as an approach, which is able to integrate and to articulate human phenomena and worldliness in all its potency.

To care for, to administer and to praise the gifts and the resources already applied in value creation linked to research groups that adopt Henry's methodology, is an incentive and an invitation to expand such influence in new circles, sectors and globe regions. Henry's international success may not be evaluated in terms of number but in terms of the quality and of the social impact of the editions and research projects being produced. The presence of Henry's research beyond the French original language, with its translation into Portuguese and English, is a sign of its vitality as a thought-provoking author, almost a cult personality. But the greatest advantage of Henry is to be inserted in the debut of the great thinkers of the history of humanity and, simultaneously, to enable, indeed, to demand, its critique, debate and open questioning. Henry teaches how to fish, he does not offer the fish; more importantly, he points towards the nets and the fishing rods that are already kept at hand, within easy reach.

Key-words: rationality, technoscience, ipseité, manifestation.

Introdução

“Quando eu nasci, as frases que hão-de salvar a humanidade já estavam todas escritas, só faltava uma coisa – salvar a humanidade.” – Almada Negreiros

Será no aqui e agora, na opacidade do real concreto que se joga a relevância, mais ainda, a urgência, de pensamentos radicais e mobilizadores; denunciadores e esclarecedores, em simultâneo. A possibilidade de distinguir entre o essencial e o acessório será aquilo que melhor determina o potencial de ação da obra henriana.

A reinvenção do que significam os processos de criação de sentido, a racionalidade e a constatação de que a realidade se conta, se enuncia, da frente para trás, serão hipóteses que obrigam a uma desinstalação e a uma inquietude mobilizadora. Da frente para trás pois é necessário vincar que todo o mal do mundo se constitui como uma tarefa em curso, um programa por completar. O passado e o presente, até o momento atual, desde a origem do universo, revelam o melhor que foi possível obter; quanto ao futuro, esse sim, está aberto a melhorias. No futuro, tudo está em aberto; e só é possível ter um futuro em que tudo esteja em aberto a partir de um presente e de um passado que não se fechem sobre si próprios mas antes que tudo liguem. É esta a escrita de frente para trás. Se é isto que eu quero, que eu desejo, pelo qual eu anseio, hoje, aqui e agora, então o que é que ficou por completar, por dar resposta, no caminho?

Dar o ouro ao bandido. Deitar fora o bebé com a água do banho. Sair pela porta da frente e voltar a entrar pela porta do cavalo. Assim se passa com a evolução, aos avanços e recuos, da forma como progride uma escola de pensamento, um modelo de civilização ou um exemplo de sociedade. São elementos díspares aqueles que nos permitem retratar, ilustrar e evidenciar aquilo que, uma vez degradado, irá esmagar, prender, fazer regredir e afundar uma

realidade humana em todas as suas facetas. São exemplos destes elementos, que inauguram os ventos de mudança, a racionalidade, a tecnociência, a ipseidade e a investigação-ação. Estes elementos são ilustrativos dos desafios das sociedades contemporâneas e do potencial de mudança e de regeneração da filosofia henriana.

A fenomenologia material é um manifesto de ação e uma arma de combate. A paz exige a denúncia do que é omitido e falseado, em nome de pseudo-valores que mais não são que pequenos grandes equívocos que, uma vez acumulados e instalados, se tornam letra da lei.

Cuidar, administrar e louvar, são tarefas fundantes da realidade humana. Henry convida a novos olhares sobre esta realidade.

A inversão fenomenológica

“Barbárie é energia não utilizada, é puro desperdício.” (Henry, 1987)

A fenomenologia tradicional, desenvolvida por Husserl e Heidegger, é herdeira de um modelo de racionalidade que Henry vai superar, invertendo-o. A fenomenologia material de Henry é a sua resposta ao que se constitui como vida, como algo que emerge, centrado no corpo e em tudo “o que pode um corpo”, segundo a expressão espinosiana.

Será o *cogito ergo sum* traduzível para o “eu sinto” como uma experiência de excesso? Para Henry, a modernidade tem sido interpretada com base neste equívoco. A dualidade cartesiana e a noção de evidência que impôs, a partir do “eu penso, logo existo”, transforma-se, afinal, nas mãos de Henry, noutra evidência mais premente e fundante, a do “eu sinto, logo existo”.

Esta afetividade fundante, esta experiência de excesso, esta apelo que a todos convoca, todos os viventes, sem exceção, é uma manifestação de ipseidade, de singularidade, algo que é de tal forma único e irrepitível que se torna universal, partilhável por todos. É aquilo que é vivido da forma mais característica da realidade intrínseca de cada indivíduo que será também aquilo que lhe permitirá fazer a experiência da unidade na diversidade, da diferenciação na universalidade.

Para Michel Henry, é vida, é de vida que se trata. Esta vida, nomeada por Henry, corresponde a inúmeras instâncias, todas elas reveladoras de algo inaugural e vinculador. Experiência existencial, irreduzível, indizível, presente na linguagem dos poetas e dos amantes, é essa a vida de Henry. Esta vida conjuga-se com outras formulações igualmente enigmáticas porque poderosas e reveladoras, férteis e plenas de sentido, incômodas e inquietantes, questionantes e interpeladoras.

A vida, para Henry; o inconsciente, para Freud; a vontade de poder, para Nietzsche; o corpo, para Schopenhauer; ou a alma, para Descartes, assim se enuncia algo de novo a partir da pena de cada um destes pensadores.

Aquilo que se revela, que se deixa iluminar, que se mostra tal e qual é, em si mesmo, ao ser iluminado, é isso que se constitui como fenómeno e é uma fenomenologia a obra de Henry, uma vez que apresenta um modelo de interpretação deste algo que se dá a conhecer e que se manifesta, se apresenta, como fenómeno. Este modelo, mais do que revelar a coisa em si, é antes um modo de compreensão de como se dá o próprio processo como ato, como algo pode aparecer e ser conhecido.

Henry faz uma inversão da fenomenologia de Husserl uma vez que contrasta a total exterioridade, que caracterizava a forma como Husserl identificava um fenómeno, como algo que aparece na sua exterioridade, no mundo, com uma concepção da fenomenalidade como algo material, encarnado, radical e da vida. Esta vida é muito diferente da vida biológica das ciências naturais pois excede-a.

Assim, para Henry, a vida é algo em potência, com poder, que se manifesta como experiência e sentido de si mesmo em todas as fases da vida biológica de cada ser humano. Por outras palavras, a vida é afeto e é força, essencialmente invisível, constituindo-se como uma experiência de si em si mesmo. Esta vida, esta força vital permite que o pensamento tenha acesso a si mesma, pensando a vida, i.e., não é pelo pensamento que primordialmente temos acesso à vida mas o inverso; quando damos pelo pensar já a vida aí está, em ato, em potência e em ação imparável. Esta vida invisível é total interioridade, daí a sua radicalidade. Temos acesso a esta vida numa total passividade, pois é uma vida que nos é dada, em pura

gratuidade. É a vida enquanto tal, na sua radicalidade, que se dá em si mesma. Vemos a vida, os organismos vivos, os seres vivos e não vivos. Esta vida é participação, participação na vida que se dá e que é recebida em total passividade. A vida para Henry não é um universal abstracto mas sim um singular concreto.

Dada a profunda originalidade do pensamento henriano surge um paradoxo. Por um lado, a sua fenomenologia material prende-se a uma imediata e profunda transparência da vida, invisível, tal qual esta se apresenta a cada vivente, na interioridade única e irrepetível de cada um. Por outro lado, é criticada por ser difícil e exigente, rigorosa e profunda, apesar da sua aparente imediatez e simplicidade.

A vida, para Henry, é pura afecção de si mesmo, como ser vivente; é pura afetividade que se traduz por auto-afecção. Numa crítica a Freud, Henry argumenta que a pura passividade da vida que se dá a si mesma, coincide com o inconsciente freudiano, como vida, em termos de realidade patética.

A recepção da fenomenologia material

A fenomenologia material de Henry é uma instância de diálogo entre saberes. Constitui-se como ponte, congregando experiências e mundividências que excedem as convenções disciplinares. Várias áreas científicas têm sido privilegiadas, nomeadamente as áreas da educação e da saúde. Esta recepção da obra de Henry entre não filósofos é significativa pois revela o seu potencial de ação e a sua capacidade explicativa em contextos complexos. Tem sido profícua a colaboração com a área da saúde mental, incluindo com profissionais ligados a abordagens psicanalíticas, o que é indicativo do espectro de atuação da fenomenologia material.

Quer na área da educação, quer na da saúde, a fenomenologia radical permite articular as perspectivas dos cuidadores e prestadores de cuidados com as dos pacientes e beneficiários de tais cuidados. Profissionais da educação e da saúde, de um lado, e estudantes e pacientes, do outro lado, podem reconhecer em Henry a realidade por si vivida a um nível autêntico, denso e intenso. Esta autenticidade, densidade e intensidade permite dar voz a experiências de excesso e a situações limite. Acolhe e integra, elabora e articula, de uma forma radical e encarnada, aquilo que a vida tem para oferecer, levando à manifestação do seu máximo potencial.

A recepção da fenomenologia material pelas ciências centra-se num aspecto nuclear que é a afetividade. O carácter quantitativo das abordagens estatísticas, desde os grandes números ou *big data* à medicina ou educação baseadas na evidência, sofrem uma inversão com Henry. Nesta inversão, a evidência dada pelos afetos, pela passividade, por ser afetado por, é anterior e primordial, daí a sua fácil integração e adesão pelos profissionais da educação ou da saúde.

A fenomenologia material constitui-se como uma metodologia, como algo que permite tornar mais eficaz uma qualquer técnica profissional. Artistas, designers, urbanistas e arquitetos, ao criarem, desenvolverem e executarem um projeto, uma vez munidos com os instrumentos de leitura e de ação da fenomenologia radical poderão ter uma capacidade de intervenção e de criatividade com um poder de alcance que seria impensável em abordagens convencionais.

Políticos, gestores ou economistas, habituados a lidar com padrões de comportamento que revelam escolhas, preferências e valores, ao aderirem à fenomenologia henriana, poderiam reconhecer a importância do seu papel e a responsabilidade que ocupam na rede de relações que forma a sociedade. A vida, a vida como valor e como potência, como algo que os viventes partilham e que tem um alcance exponencial uma vez lançados os dados da sua manifestação, do seu pleno potencial, é esta vida em abundância que Henry oferece gratuitamente na sua obra.

Em termos cronológicos, foi a realidade do pós-guerra e da segunda metade do século XX aquela que Henry se sentiu desafiado a responder através da sua filosofia. Contudo, a atualidade do trabalho de Henry aparenta ganhar relevância com o passar do tempo. Na verdade, nas primeiras décadas do século XXI, os desafios da Europa e do mundo aproximam-se do cenário henriano que convoca a uma radicalidade e exigência na forma como a vida é vivida e pensada, como uma força vital e uma potência que a todos convoca, sem exceção, não deixando ninguém de fora.

Contextos de complexidade exigem respostas cabais. Contextos de violência gratuita, de destruição e morte, convocam uma urgência de resposta e uma clarificação de princípios. Se o bem se explica a si próprio, já o mal necessita de justificação. Esta justificação, esta tentativa de fazer-se justiça, apela a um sentido de movimento, de trabalho em curso, de incompletude e de progresso em aberto. Violência e destruição, quando entendidas como fruto de uma cultura desviante, remetem para a necessidade de colmatar tais deficiências, tais carências, como quem pega numa carga caída e a transporta para um pouco mais à frente. Henry abre caminhos, expande horizontes de ação e derruba barreiras.

Duns Scotus, a ipseidade e a modernidade

“Aquilo que é sentido sem qualquer intermediação, é isso mesmo a afetividade.”
(Henry, 1963, 52)

O termo ipseidade, *ipséité*, em francês, e *ipseitas*, em latim, corresponde a algo individual na sua absoluta singularidade. Do latim, *ipse*, significa “si mesmo”.

Este termo foi recuperado no século XX por Heidegger e seus seguidores, designando o *Dasein*, como existência responsável, correspondendo ao ser próprio do ser humano.

É a ipseidade que faz com que cada indivíduo seja si próprio e não outro, deixando, assim, de ser um indivíduo, como um elemento de uma série, todos iguais entre si, para ser um ser singular e único.

Na Idade Média, Duns Scotus (1266-1308), o teólogo agostiniano, i.e. seguidor de Agostinho, surge como a ponta de um iceberg, representando uma gigantesca onda de mudança no pensamento ocidental. Franciscano e escocês, Scotus teve uma grande importância no desenvolvimento do pensamento, quer teológico e católico, quer secular e filosófico.

Para Scotus, ipseidade representava o carácter particular e único, singular, de cada indivíduo.

Em termos doutrinários, Scotus acreditava que certas características podiam ser aplicadas de forma unívoca, tendo exatamente o mesmo significado, a Deus e às criaturas, enquanto Tomás de Aquino insistia que tal seria impossível, defendendo a doutrina da analogia, em oposição à teoria da univocidade.

Scotus é ainda considerado um realista uma vez que considera os universais como características reais. Por exemplo, a humanidade será algo comum a todos os indivíduos humanos, pois partilham da mesma natureza.

Na segunda metade do século XX, na década de 1960, o pensamento deste teólogo franciscano foi interpretado de forma inovadora como sendo o representante de uma mudança na forma como a natureza do “ser” era interpretada. Esta mudança dizia respeito a uma viragem epistémica, quando confrontada com o pensamento de Tomás de Aquino e dos pensadores que o antecederam.

Este acontecimento seria particularmente significativo uma vez que remeteria para o debate aceso sobre as origens da modernidade. O historiador da filosofia, J.-F. Courtine, na década de 1990, salientou a importância do pensamento de Scotus como peça fundamental da transição para a modernidade. Para Courtine, teria sido entre meados do século XIII, no tempo de Tomás de Aquino, e o século XVII, com Francisco Suarez, que uma mudança fundamental se teria realizado e que Scotus seria um personagem fundamental neste enredo. Assim, vários autores da época de Courtine argumentaram que Scotus foi o primeiro pensador a inaugurar o que Heidegger apelidou de onto-teologia.

Assim, Duns Scotus teve um papel importante como representante de uma nova linha de pensamento. As escolas de pensamento constituem-se como processos de continuidade e de rotura. As roturas disruptivas, revolucionárias, não são mais do que continuidades que não foram reconhecidas atempadamente. Se tudo é movimento e mudança, então, a classificação de escolas de pensamento prende-se com a questão da sensibilidade à diferença, i.e., ao confronto em relação a um pensamento dominante *versus* o pensamento não-dominante. O pensamento dominante é *mainstream*, monolítico, rígido, ortodoxo e redutor, que ofusca uma miríade de movimentos divergentes, em conflito, fragmentários, dinâmicos, heterodoxos, diversificados e contraditórios entre si.

O diálogo com outras áreas do saber

Cuidar, administrar e louvar, são ações que dão sentido à existência. O mundo objetivo das ciências cruza-se com a mundividência do cotidiano em tarefas como estas. É no confronto, quer com o cotidiano, quer com as situações limite, que o ser humano revela o seu pleno potencial, uma vez desafiado por modos de funcionamento edificantes e eficazes.

As ciências económicas e empresariais demonstram um apetite insaciável por novidades, como possíveis fontes de inovação. Contudo, e paradoxalmente, revelam um elevado nível de conservadorismo na forma como intencionalmente delimitam e restringem as suas fontes de inspiração. As tecnologias de informação e comunicação e as ciências de computação, apesar de mais jovens, estão cativas da mesma problemática. No contexto atual de domínio da tecnociência é imperativo apontar novos caminhos e denunciar práticas obsoletas e destruidoras do tecido social.

É neste contexto que a fenomenologia material pode mostrar a sua plasticidade e poder de mudança, fomentando e energizando o capital humano. John Maynard Keynes, o britânico pai da macroeconomia, tem uma escrita irónica que capta a necessidade de mudança. Este imperativo e urgência de mudança constitui-se como um dos grandes desafios ao desenvolvimento de abordagens concretas e aplicadas do pensamento de Michel Henry.

Como exemplo de máximas de Keynes que assentam que nem uma luva no argumento imperativo da utilização de modelos de pensamento radicais e disruptivos como o de Henry, seguem algumas citações keinesianas a título exemplificativo:

São as ideias que moldam o decurso da história.

A dificuldade está não tanto em desenvolver ideias novas como em escapar das ideias antigas.

A sabedoria mundana ensina-nos que é melhor para a reputação falhar convencionalmente do que ter sucesso de forma não convencional.

Um estudo da história da opinião é um preliminar necessário à emancipação da mente.

Quando a expectativa é de que o resultado final seja um compromisso, então é prudente começar por uma posição extrema.

As palavras devem ser um tanto ou quanto selvagens para que possam tomar de assalto os pensamentos naquilo que é impensável.

O longo prazo é um guia enganatório para os assuntos correntes. No longo prazo estaremos todos mortos.

Modelos de pensamento que caracterizam civilizações são modelos de racionalidade cuja lógica de funcionamento cria tensões, forças criativas, mesmo que contraditórias, mesmo que em conflito. São estas tensões que fazem avançar a história.

Se toda a filosofia ocidental é uma resposta a Parménides, então Henry é herdeiro dos pré-socráticos no sentido em que denuncia a barbárie de uma civilização que prefere perecer a largar os preconceitos incrustados no seu pensamento dominante, redutor e hegemónico. Assim, será imperiosa uma militância que possa responder à necessidade de uma reformulação ideológica, de explicitação dos valores fundacionais das sociedades contemporâneas. A civilização ocidental contamina e é contaminada, coloniza e é colonizada, pois num mundo globalizado os elementos já não são puros. O cosmopolitismo e a unidade diversificada são um benefício, desde que não criem guetos e áreas de autoexclusão. A fenomenologia henriana segue a lógica dos afetos. E é o mundo da afetividade que tudo integra, tudo acolhe, tudo articula e tudo suporta.

“As cabeças são redondas para que as ideias possam dar a volta.”

“A idade das pedras não acabou por se terem acabado as pedras.”

“Se a única coisa que conhecermos for um martelo, tudo nos irá parecer um prego.”

Assim é a filosofia henriana, obriga à movimentação, agita águas paradas, mobiliza a partir de dentro, do cerne da questão, do mundo da afetividade e da criação de sentido como experiência de excesso. Se só é tiranizado quem se deixa tiranizar, uma civilização que promove uma cultura de morte também encerra nas suas entranhas sementes de mudança, de vida e de esperança. É isto que Henry nos transmite, que o ser humano é um ser em potência, pleno de capacidade de realização, de concretização e de criatividade. Manifestação, manifestação de uma realidade plena de sentido, é essa a herança henriana que contagia, convoca e mobiliza. Parafraseando Pessoa, “*É a hora!*”

Conclusão

“*Mais importante do que prever o futuro é torná-lo possível.*” – Antoine de Saint-Exupéry

A saúde, a doença, a concretude do quotidiano, as opções estratégicas ou os problemas globais, são fenómenos completos, cuja gestão exige uma resposta cabal, sem subterfúgios. A dor, as situações limite ou as questões de vida ou de morte, testemunham a vivência humana carregada de uma orientação, atitude ou ímpeto, cuja energia provém do âmago da vida em si, tal qual esta se apresenta.

Individualmente ou coletivamente, a nível informal ou institucionalmente, a reação à dor, à fragilidade ou ao limite é conduzida por algo que a precede e que a ilumina. Henry oferece o mapa que capta esta realidade. O papel dos filósofos é afirmar, dizer, soletrar e sublinhar algo transversal a toda a vivência humana. Filosofar é enunciar.

A vantagem de Henry é a de propor um método cuja aplicação não carece de requisitos prévios. Daí o sucesso das iniciativas ligadas ao mundo profissional, entre educadores, investigadores e profissionais prestadores de cuidados de saúde.

O desafio é intensificar, em termos quantitativos, e densificar, em termos qualitativos, estas iniciativas que aplicam a fenomenologia henriana, alargando-a a montante e a jusante, percorrendo a fileira do cuidar, desde a formulação de políticas e o desenho de programas de intervenção globais, à experiência individual de quem padece, de quem é cuidado, e de quem cuida e acompanha, dos profissionais, das famílias e das comunidades.

“A afetividade é a essência da ipseidade”, diz-nos Henry na sua obra fundante, *A Essência da Manifestação*. Cuidar, administrar e louvar são modos de ser únicos e irrepetíveis, são instâncias de ipseidade e são pura afetividade.

Cuidar, administrar e louvar são, assim, modos de existência que possibilitam um novo olhar sobre o ser humano e sobre tudo o que lhe diz respeito. Este olhar, fértil e luminoso, poderá ter várias fontes mas Henry não será esquecido. O potencial de mudança que a sua obra instaurou está ainda a plantar novas sementeiras, cujos frutos surgirão na justa medida em que os obreiros desta lide façam justiça ao seu mestre. A todos cabe-nos dizer: “presente”.

Bibliografia

Michel Henry, *L'Essence de la manifestation*, PUF, Paris, 1963

Michel Henry, *Philosophie et Phénoménologie du corps*, PUF, Paris, 1965

Michel Henry, *Généalogie de la psychanalyse*. PUF, Paris, 1985

Michel Henry, *La Barbarie*, Bernard Grasset, Paris, 1987

Michel Henry, *Phénoménologie matérielle*, PUF, Paris, 1990